

## PERCEPÇÃO, CIDADE E ENSINO DE ARTE: RESIGNIFICANDO OLHARES E O ESPAÇO VIVIDO

Rosane Satie Koguishu

(Graduada em Artes Visuais - Prof. Sistema Público Estadual - Londrina, PR)  
Ronaldo Alexandre de Oliveira Prof. Dr.) (Universidade estadual de Londrina - PR)

**RESUMO:** As imagens sucedem céleres na contemporaneidade, modificando o nosso olhar e conseqüentemente nossa percepção. O que pretendemos discorrer neste artigo são as formas pelas quais entendemos, apreendemos e estabelecemos relações com a paisagem urbana e como a educação pode contribuir neste processo de apreensão. Acredita-se que ao potencializar uma relação dialógica entre **PROFESSOR, EDUCANDO, CIDADE**, através do estímulo do ato de olhar, perceber e conhecer o espaço urbano por meio de propostas contextualizadas, o aluno poderá desvelar e envolver cada vez mais com a cidade através de um olhar sensível e reflexivo para com a ambiência cultural e histórica da cidade, construída ao longo do tempo.  
Palavras-chave: Percepção visual, Cidade, Ensino de arte

### **PERCEPTION, THE CITY AND TEACHING ART: REDEFINING PERSPECTIVES AND LIVING SPACE**

**ABSTRACT:** Images today pass by rapidly, modifying our perspective and consequently our perception. In this article we discuss the forms by which we understand, learn and establish relationships with the urban landscape and how education can contribute to this process of apprehension. It is believed that in creating a dialogue between **TEACHERS, STUDENTS, THE CITY** through encouraging the act of looking, perceiving and knowing the urban space through contextualized proposals, students can reveal more and get more involved with the city through a sensitive and reflective perspective on the cultural and historical ambience of the city built up over time.  
Key words: Visual perception. The city. Teaching art.

### **INTRODUÇÃO**

Muitas vezes passamos informações sobre assuntos relativos a conteúdos vivenciados e explorados pela humanidade e deixamos de lado uma reflexão contextualizada com a realidade do aluno, que observa o seu cotidiano, e na maioria das vezes, não a enxerga de verdade.

A percepção do mundo que nos rodeia, a dificuldade de ver, compreender e fazer relações entre nosso cotidiano e o vasto mundo das informações, tanto as mais próximas, aquelas vinculadas pela família, escola e tantas outras disseminadas com profusão, pelos meios de comunicação, faz

com que o aluno não faça correlações com os fatores vivenciados diariamente numa sociedade mutante, instável, que se mostra a cada dia como uma outra paisagem.

O Propósito desta investigação é trabalhar com uma **alfabetização estética, visual e sensível** com os estudantes, tendo o espaço da cidade como fio condutor. O que nos impulsiona tratar destas questões neste **Programa de desenvolvimento educacional** a trajetória profissional, e a possibilidade de refletir sobre essa ação pedagógica. Ao longo desses anos podemos enxergar o quanto a percepção do mundo e a necessidade de compreendê-lo, fazer relações entre o cotidiano e a escola, foi ficando distante dessa prática educativa.

O vasto mundo das informações advindos dos mais diversos meios de comunicação, somado a facilidade cada vez maior das crianças e jovens de terem acesso a estes meios e informações foi fazendo com que a escola se distanciasse cada vez mais da vida do aluno, tornando os conteúdos selecionados e as nossas práticas educativas muitas vezes ultrapassadas, acirrando assim, o distanciamento entre escola e vida cotidiana; Arte e vida, impossibilitando que o aluno passasse a ver o espaço da escola, como algo que pudesse ter relação com a sua vida, sendo mais uma das conexões com a cotidianidade.

Fomentar, potencializar e construir formas de aprendizagem para o educando através da imagem do espaço urbano que nos rodeia, fará o educando refletir e compreender com maior clareza a sua importância e como aqueles conhecimentos se articulam com outros saberes e com processos do cotidiano. Nas práticas cotidianas da sala de aula devemos compreender o universo do educando(a) desde seu ambiente familiar, escolar, social, fazendo uma correlação de todos esses aspectos (mundo que nos cerca) por meio de conteúdos programados. Tais conteúdos devem contemplar a realidade vivenciada e experimentada diariamente pelo aluno, que muitas vezes não são exploradas. Sendo assim, esta investigação - baseada na metodologia da pesquisa ação - se propõe abordar o patrimônio cultural, artístico e histórico da cidade de Londrina, na qual o reconhecimento da cidade, seus vários sentidos (construídos, percebidos, propostos) sua(s) paisagem(s) e sentidos possam ser potencializados.

A necessidade de nos permitirmos analisar a cidade sob um novo olhar neste mundo globalizado em que vivemos, justifica-se por querermos busca e fomentarmos os mais diversos olhares para o espaço da cidade, procurando ver neste espaço/cidade sua história, suas contradições, suas mudanças e permanências. São informações que nos rodeiam e que muitas vezes nos passam despercebidos.

Adequar e atualizar conhecimentos não só na arte, mas da prática, do fazer artístico, da pesquisa-ação, da fundamentação teórica, da formação continuada, dos registros e trocas de experiências é primordial ao professor de arte. Neste momento, por meio desta formação continuada, promovida pelo Governo do Estado do Paraná, através do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) encontrou-se a possibilidade de desenvolver e promover um projeto a partir de problemas diagnosticados no ambiente escolar por cada professor participante do PDE.

A possibilidade de explorar o conhecimento e a cidade por múltiplos olhares nos leva a pensar na questão da interdisciplinaridade, pois a cidade contém as diversas áreas do saber. Assim, compreender o meio ambiente urbano, a arquitetura e o uso racional desse espaço, a apreensão da História da Arte, entre outros. Criar condições que possibilitará ao aluno criar a partir dos elementos racionais e sensíveis um conhecimento mais inteiro e integrado, das formas que esta cidade abriga nos seus múltiplos aspectos, compreendendo melhor e aprofundando o relacionamento com a cidade.

Buscar olhar além da fronteira escolar, conhecer aspectos que fazem parte da formação e criar elos através do processo silencioso de envolvimento a partir de propostas contextualizadas e reflexivas do estudo a ser desenvolvido. Assim, aumentar substancialmente a importância do processo para valorizar o conhecer, compreender, gostar, envolver e estudar. A formação do aluno cidadão, crítico, articulador de idéias, envolvido com o seu fazer implica, nesse projeto, investigar e potencializar as possibilidades educativas e estéticas da cidade de Londrina, para que possamos juntos (professor e educandos) pesquisar, conhecer, sistematizar, valorizar e reconhecer o espaço da cidade. Espaço, este pertencente a todos nós, (sendo, inclusive parte desse espaço) ver e ter o nosso meio ambiente urbano próximo enquanto lugar carregado de história e de nós mesmos. Desta forma,

nos enxergamos efetivamente como parte da história e do lugar, tendo a arte, a paisagem urbana, o patrimônio cultural e histórico enquanto fio condutor.

### **REFERENCIAL TEÓRICO:**

É uma pesquisa qualitativa e está pautada metodologicamente numa dimensão da pesquisa-ação que, segundo BOGDAN, (1994: 292) " A investigação-ação consiste com o objetivo de promover mudanças sociais".

A construção do referencial teórico para a pesquisa exigiu que buscássemos autores que falassem sobre a dimensão simbólica da cidade - as relações estabelecidas com o espaço urbano, os conceitos de espaço e paisagem, a relação das pessoas com a cidade e também da potencialidade da cidade enquanto espaço para a aprendizagem. Fez-se necessário também uma pesquisa bibliográfica para pensarmos nas questões que envolvem a leitura das obras de arte e das paisagens, a formação do professor mediador, concepção de escola, de atuação docente, pois precisamos repensar a situação atual do ensino da arte, e das dificuldades enfrentadas pela escola na atualidade, articulada com exercício da nossa prática docente.

As idéias de PEIXOTO, que investiga o espaço da cidade como possibilidade para a criação artística, nos diz que:

A cidade contemporânea deixou de ser um testemunho cultural, a arquitetura deixou de ser pensada como criação de um espaço de habitação. Perdeu-se a relação entre construir e morar. Quando se muda sempre de lugar, criam-se abrigos, não testemunhos culturais. Não existe mais lugar para as catedrais, para a arte, na cidade. Uma irreversível tendência a desambientar os monumentos tende a transformar as cidades atuais em desertos. ( PEIXOTO,1996:257)

A arte aflora o desenvolvimento do modo de vida diferenciado no contexto das relações cotidianas de vários grupos étnicos e culturais nos espaços da cidade numa convivência tolerante podendo ser participativa ou não com cada um dos habitantes da cidade. O multiculturalismo que surge na cidade enriquece as expressões de desenvolvimento artístico, podendo ser observado na arquitetura, em eventos teatrais, musicais e em outros campos do fazer cultural.

Cada um de nós ordena e nomeia aquilo que vê, que escuta e que toca por meio de um sistema próprio de significados. A percepção é um exercício de confronto entre os diferentes sistemas e sentidos. Essas tensões produzem a necessidade de criação de um campo poético, no qual a visão de cada um pode se tornar questionável. Com a criação desse campo poético, o indivíduo pode tornar sua visão singular de um mundo de potencialidade. A dignidade de cada pessoa baseia-se, entre outras coisas, no fato de que só ela vê o mundo como ela o vê. (AMARAL, 2008:46)

O que vemos é cada vez mais superficial, quantitativo e não possibilita a compreensão sobre a quantidade de informações contidas no espaço da cidade, que deixa de ser pensada como espaço de habitação, nos parece que só nos serve para uma questão de ordem prática, criando assim, outros testemunhos da cultura local.

Os contextos urbanos, que sempre foram palcos de transformações e interações sócio-políticas, econômicas e culturais, se vêm envoltos em uma teia complexa de relações da qual a arte é parte constitutiva e construtora, podendo ser um importante agente estimulador e fazedor das mudanças dentro de uma sociedade. Ainda nos valendo das idéias de PEIXOTO ele nos diz que:

A cidade não é o horizonte que se descortina aos nossos olhos. A arte contemporânea nasce do confronto com esta opacidade, em que o muro de concreto dos prédios se assemelha ao chão de pedras das calçadas e o foco das superfícies refletoras impedem qualquer transparência. (PEIXOTO, 1996:149).

Existem relações que envolvem a paisagem urbana no sentido da sua construção organizacional, as suas mudanças, as transformações, as permanências da arquitetura, das histórias delineando o desenho da cidade, assim como pessoas e as diferentes culturas que formam as cidades nos diz respeito e falam de um processo histórico.

As cidades do século XX são marcadas pelo surgimento de novos lugares voltados para o espetáculo e entretenimento. As ruas, as calçadas, as praças e toda uma sorte de espaços públicos tradicionais na história urbana, foram “ressignificados”, ou seja, ganharam novas conotações simbólicas e

valores. O caos urbano, a velocidade dos automóveis e da vida agitada das metrópoles modernas (sintomas que já se estendem para as cidades menores), aliados a falta de segurança das ruas, criam um novo ambiente urbano muito pouco favorável para a vida comunitária nos lugares públicos.

Espaços climatizados e protegidos artificializam os lugares públicos ao tentarem traduzi-los como parte de sua ambientação interna. *Shoppings Center*, museus e hipermercados são os novos espaços do convívio e da atração e estão ligados intrinsecamente à lógica do consumo, seja ele cultural ou de produtos industrializados de massa, que dentro desta lógica moldaram a cidade do século XX e que ainda reverberam sobre a cidade que adentra o século XXI. Salvo raras exceções, a pujança econômica deste último século, com todas as suas crises no mercado financeiro, impõem sua marca em novas obras e espaços até então inexistentes na cidade tradicional ou que nesta mesma, já começavam a despontar e anunciavam uma nova era. Inevitavelmente, estes novos lugares ganharam qualidades ambientais muito superiores aos da própria cidade, na medida em que, esta última veio sucessivamente recebendo muito menos investimentos (sejam eles públicos ou privados) para a melhoria e criação de seus espaços públicos.

A convivência harmoniosa do indivíduo com a cidade fez desenvolver a relação com a arte. A arte e a cidade sempre estiveram presentes nas relações do homem com o mundo, o crescimento da expansão territorial são os elementos que compõem a imagem de cidade nos remetem valores, vivências, sensações das pessoas que a habitam e transitam, mas com o passar do tempo elas se modificam, e acompanham, segundo Ferrara:

[...] as transformações econômicas e sociais que deixam, na cidade, marcas ou sinais que contam uma história não verbal pontilhada de imagens, de máscaras, que tem como significado um conjunto de valores, usos, hábitos, desejos e crenças que nutriram, através do tempo o cotidiano dos homens (FERRARA,1999:202).

A presença da arte na cidade nas ruas e calçadas, em edifícios, nas praças, pontes, galerias se apresenta através da ação humana e marca o cenário cultural da rotina de seus habitantes, no modo de vida e nas relações sociais de natureza urbana. Para FREITAS (2005) as obras, os espaços e os

espectadores, se integram e interagem num ciclo de conhecimentos e valores estéticos e culturais que são, ao mesmo tempo, determinados e determinantes dos significados de uma época e sociedade. Fernando Hernández (2000), nos fala da importância que assume a cultura visual na fundamentação para o ensino de arte na contemporaneidade e Analice Dutra Pillar (1999) nos diz da importância de se desenvolver uma alfabetização visual, seja a partir das obras de arte ou mesmo das visualidades da paisagem contemporânea.

A palavra PAISAGEM nos traz lembranças agradáveis relacionadas a um local calmo, tranqüilo, como nas pinturas do realismo inglês do século XIX. Na maioria das vezes, na ambiência da sala de aula, os alunos não fazem correlação com o urbano ao mencionar a palavra paisagem. A paisagem urbana consiste em diversas sobreposições de imagens constituídas por personagens desconhecidos, tráfego de veículos, construções, entre outros tantos elementos - vistos pelo olhar do espectador através de uma moldura que permite uma análise reflexiva; a paisagem da cidade é a sobreposição de histórias: naturais e construídas.

A cidade é a paisagem contemporânea urbana que revela toda sua diversidade, com seus monumentos, praças, ruas, avenidas, conjuntos arquitetônicos, além da informação, dos sinais e signos gráficos visuais presentes no cotidiano urbano. A paisagem revela o espaço, a geografia, o meio ambiente, as pessoas que estão inseridas no contexto urbano. Ao caminhar pelas calçadas, ao brincar nos parques e praças, ao interagir com as informações visuais presentes em signos que habitam as cidades, nos envolvemos com o espaço público na intensa relação entre o ser e o objeto, entre o habitante, o transeunte e a cidade. Essa relação permite diversas interpretações das associações do fragmento urbano, que permite que o macro-espaço urbano mostre suas intimidades, suas forças e fraquezas que o transformam em lugar orgânico, dotado de força vital.

Fazemos parte da paisagem urbana ativamente, ela expressa as marcas de nossa história social, política, contemporânea e passada, convidando-nos a perceber e interagir com as várias faces deste universo.

A paisagem representada na arte, acaba por constituir um gênero de pintura que informa, prepara o olhar e estabelece valores, julgamentos

estéticos sobre a própria paisagem. Falar do urbano é falar da cultura mediática.

As interpretações perceptivas diferem em cada meio ambiente e são de cada indivíduo, sendo resultantes de percepções individuais e coletivas dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada observador. Embora nem todas as manifestações psicológicas sejam evidentes, são constantes e afetam a nossa conduta na maioria das vezes, inconscientemente. Diversos aspectos influem na percepção do ambiente urbano de forma direta ou indireta: pobreza, criminalidade, poluição ambiental e visual, etc. São os fatores que influem na insatisfação com a vida urbana. Porém podemos associar diversas formas de satisfação proporcionada, como poder de atração devido à heterogeneidade, movimentação e possibilidade de escolhas. Novamente recorremos a Ferrara, que nos diz que

A percepção do espaço urbano não é homogênea e sim localizada no ambiente e permite a transformação do espaço em lugar como manifestação concreta, onde, os valores, usos e expectativas dependem do usuário através de sua leitura cotidiana e habitual. (FERRARA, 1999:110)

A insatisfação com a cidade (elementos físicos e arquitetônicos, geralmente públicos ou situados próximos a locais públicos) podem acarretar em vandalismo no espaço urbano. Normalmente isso ocorre com as classes menos favorecidas que são submetidas às condições que estão relacionadas à má qualidade de vida em seu cotidiano. Devido a problemas condicionados a infra-estrutura das cidades, como transporte urbano, à distância em relação à escola, as questões de saúde, a relação da percepção ambiental do indivíduo com a cidade está diretamente associada a aspectos de inter-relação entre homem e ambiente, suas expectativas, satisfações e insatisfações, julgamento e conduta.

Para FERRARA(1999), a percepção urbana é uma prática cultural que concretiza certa compreensão da cidade e se apóia, de um lado, no uso urbano e, de outro, na imagem física da cidade, da praça, do quarteirão, da rua, entendidos como fragmentos habituais da cidade. Uso e hábito, reunidos criam a imagem perceptiva da cidade que se sobrepõe ao projeto urbano e constitui o elemento de manifestação concreta do espaço. Entretanto essa imagem,

porque habitual, apresenta-se homogênea e ilegível. O bombardeio de mercadorias e serviços não se restringe apenas aos que andam de veículos na cidade. As áreas onde há um forte setor de comércio são inevitavelmente alvos da disputa do espaço no olhar do transeunte. Cada vez mais, os elementos publicitários almejam invadir o caminho do pedestre e atrair ao consumo.

A transformação da cultura, das tradições, do ser humano e do espaço de convivência permite atualizações constantes. A Percepção Ambiental vem abrindo perspectivas extremamente úteis para a compreensão dos fenômenos urbanos e para a detecção das interações que se processam entre as pessoas e o ambiente construído. A natureza do espaço urbano contemporâneo e a natureza das visões alternativas de uma arquitetura recombinante, entre espaços simbólicos e cibernéticos na tentativa de caracterizar o espaço urbano atual.

A forma homogeneizada de olhar para a cidade aponta para a primeira e maior característica da percepção ambiental como forma de identificação da cidade e sobre a cidade, ou seja, a percepção ambiental não deveria operar como totalidade. Acontece como processo que se desenvolve entre signos aglomerados sem convenções, mas acabam por criar uma membrana opaca, de neutralidade significativa da linguagem urbana. A urbanização, a arquitetura, a tecnologia decorrente do processo de industrialização, o desenho industrial, a programação visual, a publicidade, ruas, avenidas, praças, monumentos estão inseridos nas micro e macro linguagens sígnicas que fazem parte do contexto urbano.

Entretanto, o elemento que aciona este contexto é o usuário e o uso é a sua fala, sua linguagem: a transformação da cidade é a história do uso urbano como significado da cidade, sua vitalidade nos ensina o que o usuário pensa, deseja, despreza: a relação de suas escolhas, tendências e prazeres. A transformação da cidade é a história do uso urbano, escrita pelo usuário e o significado do espaço é o desenvolvimento daquela recepção.

## RESULTADOS PRELIMINARES

A palavra “paisagem” foi o instrumento utilizado para iniciar o desenvolvimento e a aplicação do projeto. Quando questionados sobre o termo “paisagem” surgiram respostas diversas cujo significado se refere a um local tranqüilo e belo, como já dissemos anteriormente neste texto.

Analisando os resultados deste questionamento observa-se que este se deu devido a momentos de reflexão, análise e contemplação da “paisagem” num instante de serenidade. Ao praticar essa ação com o uso da fotografia no espaço da cidade externo à escola, observamos que muitos dos alunos permitem exercitar essa reflexão devido ao intenso uso da máquina digital em seu cotidiano. Esse olhar vai sendo exercitado pelo desenvolvimento do registro momentâneo da imagem, tão comuns no atual mundo digital acessível a grande maioria. Porém observa-se a necessidade de desenvolver um olhar perceptivo-reflexivo sobre a imagem congelada.

A escola e a cidade tem sido, abordadas como referências espaciais de convívio dos educandos, assim como o questionamento sobre a importância e a influência destes locais na vida de cada um deles.

Em uma das atividades propostas, analisamos o trajeto diário do discente para a escola a partir da descrição dos locais observados num olhar corriqueiro e rotineiro, assim como o registro ilustrativo deste percurso. AMARAL ( 2005:52): nos informa que: *“Lugar é espaço dotado de sentido. Praticar o lugar, os diferentes lugares da cidade, vislumbrar frestas, intervalos para perceber e ativar potencialidades”*.

Essa atividade de registro do espaço percorrido de casa até a escola ativa a memória, a percepção, a relação que cada um guarda com esse trajeto. Ao serem retomados posteriormente em outra instância permite ao professor, que é um mediador, questionar o porquê da escolha dos elementos que compõem a cena, o trajeto. Permite ampliar repertórios, rever posturas, refletir sobre as construções, o trânsito, os hábitos das pessoas, as diferentes maneiras como a cidade se comporta e se configura em seus diferentes bairros e trajetos.

Outra possibilidade que o trabalho abre diz respeito à diversidade de temas que são abordados nas diversas discussões sobre o objeto fotografado, podendo assim ampliar as visualidades a partir de uma imagem. *“A imagem*

*fotográfica tem o poder de reter, fixar, congelar a realidade no espaço tempo*". A fala de FERRARA, (1999:267) recorrente no artigo permite que abordemos a aquisição de competência do leitor frente à imagem, um saber-perceber como algo que torna possível esse fazer. Como na observação do mundo, podemos ver um universo vivido, experimentado e sentido, através do uso da fotografia como instrumento de pesquisa da percepção do espaço urbano.

Os registros que estão sendo gerados no decorrer do projeto, são arquivados em uma caixa individual, na qual se permite a criação e o acompanhamento do processo de cada discente, configurando-se assim, o que podemos chamar de portfólio. Segundo HERNÁNDEZ, (2000:169) "*o portfólio é uma forma de avaliação dinâmica realizada pelo próprio estudante e que reflete seu desenvolvimento e suas mudanças através do tempo.*" A idéia de utilizar o portfólio através de "caixas" permite uma documentação sistematizada do discente assim como uma averiguação pelo docente dos diferentes momentos da experiência de investigação, ou seja, a forma pela qual cada um foi aprendendo e apreendendo a visualidade do espaço urbano. Possibilita também ser objeto de acesso para análise dos distintos momentos da aprendizagem a partir dos registros de seus trabalhos.

Permite ainda desvelar os diferentes olhares que cada um dispensou para sua cidade, fazendo correlações com os aspectos históricos, contextualizando o passado com a atualidade vivenciada, podendo levar a compreender a razão e os caminhos que cada um trilhou através do trabalho criador para construir conhecimento a partir da sua cidade. Partimos da premissa de que a cidade conta também um pouco da história de nós mesmos, portanto, queremos inserir cada vez mais o aluno nesta aventura e descoberta da cidade, do espaço e de si próprio. O ato de fazer desta **caixa/portifólio** denominamos de **cidade imaginada**, pois são fontes diversas que cada um trás e vai de certa forma reconstruindo essa cidade dos seus sonhos, que muitas vezes pertence aos seus desejos, a sua imaginação. São fotos, textos, desenhos, anotações, objetos que vai-se constituindo nesta outra cidade, isto é: a cidade de cada um.

Para HERNÁNDEZ, (2000:54) "*A arte e a cultura visual atuam como mediadores de significados e esses signos podem ser interpretados e construídos*". A criança ou o adolescente tem seu meio social que difere de um

artista e o desenvolvimento da consciência estética no aluno vem naturalmente de acordo com a percepção e observação de seu meio social cujo ambiente proporciona o seu desenvolvimento cultural.

Segundo BARBOSA, (2005:99) “A arte supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual ela pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo” . Não podemos ensinar valores estéticos, se não tivermos consciência do indivíduo e seu meio. Observamos o mundo que nos rodeia, porém não o conhecemos verdadeiramente.

A paisagem da cidade faz parte do cotidiano dos indivíduos, dos nossos alunos, e por isso mesmo pode contribuir para a construção deste novo olhar, que perceba como o mundo de informações veiculadas pela família, escola, sociedade, meios de comunicação contribuem para o conhecimento sobre a cidade, sua arquitetura, seus monumentos, signos e significados. As etapas da pesquisa seguem aquelas da pesquisa ação, que estão baseadas na identificação do problema (fazê-los ver); sondagem; organização do plano de ação e a saída a campo para coletarmos os dados da pesquisa, que neste momento socializamos aqui neste artigo os primeiros resultados.

Outras coletas de dados e prosseguimentos da intervenção pressupõem anotações dos principais pontos da cidade que serão listados pelos discentes e pelo professor: desenhos, construção de mapas (pessoais) da cidade de Londrina e fotografias dos pontos que os alunos acharem significativos para o desenvolvimento do trabalho. Posteriormente sistematizaremos e categorizaremos estes dados para que os mesmos possam ser associados com a produção e o conhecimento em arte, guiados pelo fazer, ver e conhecer a arte de forma crítica e sensível.

A disposição em melhorar o elo da aprendizagem compreende também acompanhar os alunos, favorecendo a iniciação a pesquisa, fomentar nos educandos uma postura atenta, reflexiva e crítica para que a prática pedagógica faça a diferença na construção de sujeitos transformadores. Nesse sentido, a ação deve ser uma pesquisa intencionada na transformação da realidade na qual se insere sujeito e pesquisador na interação e na produção de novos conhecimentos.

## CONSIDERAÇÕES

O desenvolvimento do projeto tem permitido a inserção de novas ações surgidas a partir da iniciativa dos próprios alunos e também adaptações feitas com a inserção de novos autores que fundamentam o trabalho. Através do registro das ações, previsto no desenvolvimento do projeto, o discente pode também perceber o quanto a criação em arte é um processo, uma atividade se liga a outra; que não existe um saber que se constrói de forma fragmentada, e sim correlações e desdobramentos. Na dimensão em que pensamos o projeto, queremos que, ao observar uma imagem do seu cotidiano, ele também se observe, pois aquilo que me chama atenção, seja por prazer ou repúdio, diz algo também sobre si mesmo, desta forma, ao fazer arte ele também se faz enquanto pessoa, enquanto cidadão.

Na realidade, descobrir esse urbano e entender sua lógica supõe o reconhecimento da sintaxe, do modo de formar que o identificam das faixas de linguagem que semiotizam, na construção da possibilidade de romper aquela homogeneidade, a fim de projetar elementos de predicação, de qualificação. A essa operação damos o nome de percepção urbana enquanto modo de reter e gerar informação sobre a cidade. Percepção é informação. Daí a nossa preocupação em desenvolver esta pesquisa-ação para que nossos estudantes possam entender o espaço urbano pelas mais diversas facetas: as da ordem da sua construção organizacional, das mudanças, transformações, das permanências, das histórias que vão delineando o desenho urbano, das pessoas e das diferentes culturas que formam as cidades.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Lilian. *Interterritorialidade: passagens, cartografias e imaginários*. Em BARBOSA, Ana Mae & AMARAL, Lilian (orgs.) *Interterritorialidade, mídias, contexto e educação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo/ Edições SESC SP, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae (Org.). *A educação do olhar no ensino de arte*. São Paulo: Cortez, 2005
- BOGDAN, R.C. & BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto, 1994

FERRARA, Lucrécia. D'Alessio. *As Cidades Ilegíveis - Percepção Ambiental e Cidadania. Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. EdUFSCar, São Carlos, SP 1996

\_\_\_\_\_. *Olhar periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental*. 2.ed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1999

FREITAS, Sicília Calado Freitas. *Arte e cidade como fundamento para o ensino de artes visuais: uma proposta de formação continuada para os professores da rede pública municipal de João Pessoa*. Disponível em:>

<http://www.artenaescola.org.br/pdf/SICILIIACALADO.pdf>

<http://www.cult.ufba.br/enecul2005/SiciliaCaladoFreitas.pdf> acesso em 11jul2008

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000

IABELBERG, Rosa: *O ensino da arte*. s/d. Disponível em:> [http://www.projetopresente.com.br/revista/rtv6\\_ensino\\_de\\_arte.pdf](http://www.projetopresente.com.br/revista/rtv6_ensino_de_arte.pdf) Acesso

em:11/07/2008

OKAMOTO, J. *Percepção Ambiental e Comportamento: Visão holística da percepção ambiental na arquitetura e comunicação*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002 Disponível

em:[http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro2/GT/GT10/roosevelt\\_fernandes.pdf](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT10/roosevelt_fernandes.pdf)

acesso em 15/08/2008.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo; Editora Marca D'Água, 1996

----- *O olhar estrangeiro*. In: NOVAES, Adauto. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988

----- *A imagem e o outro*. In: NOVAES, Adauto. *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras (Rio de Janeiro):Funarte, 1990

----- *O olhar do estrangeiro*. In: NOVAES Adauto. *O Desejo*. São Paulo: Companhia das Letras(Rio de Janeiro): Funarte, 1990

\_\_\_\_\_*ARTE/CIDADE: Um balanço*. s/d. Disponível em:> <http://www.cap.eca.usp.br/ars7/brissac.pdf> Acesso em 18 jun. 2008

PILLAR, Analice Dutra(Org.). *A educação do olhar no ensino de arte*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

## CURRÍCULO RESUMIDO

KOGUISHI, Rosane Satie: Graduada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Londrina. Pós – Graduanda em Ensino e Aprendizagem da Arte pela mesma Universidade. Docente efetiva da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. Participa do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), cujo projeto exposto neste artigo é fruto desta formação.

OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. Professor do Departamento de Arte Visual da Universidade Estadual de Londrina. Atua na Área de metodologia e Ensino de Arte. Graduado em Educação Artística;especializado em Arte Educação ECA/USP; Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura e Doutorado em Educação(Currículo)pela PUC/SP. Orienta o projeto aqui exposto neste artigo.